

BOLETIM
MUSEU
HISTÓRICO
DE LONDRINA

05



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE LONDRINA
MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

BOLETIM
MUSEU
HISTÓRICO
DE LONDRINA

05



Reitora

Prof^a Dr^a Nádina Aparecida Moreno

Vice - Reitora

Prof^a Dr^a Berenice Quinzani Jordão

Diretora do Museu

Prof^a Dr^a Angelita Marques Visalli

Coordenação Geral

Prof^a Dr^a Regina Célia Alegro

Editores

Prof^a Dr^a Regina Célia Alegro
Rosângela Ricieri Haddad

Foto capa e contra capa

Capa: Rui Cabral - Acervo: MHL
Contracapa: Amauri R. da Silva
Rui Cabral

Comissão Executiva

Aurea Keiko Yamane
Barbara Daher Belinati
Célia Rodrigues de Oliveira
Ruth Hiromi Shigaki Ueda

Revisão de texto

Projeto Disque-Gramática/UUEL

Projeto Gráfico e Editoração

Elder Gustavo Abe
Glaubher V. de A. Pessusqui
(Pictolab Design)

Selo 40 anos da UEL

Elder Gustavo Abe

Impressão

Midiograf
Fonte: Garamond e Bodoni

Todos os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores, não cabendo qualquer responsabilidade legal sobre seu conteúdo ao Museu Histórico de Londrina.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Boletim Museu Histórico de Londrina / Universidade Estadual de Londrina.
Museu Histórico de Londrina. – Londrina-Pr : Universidade Estadual de
Londrina, v. 1, n. 1, jul./dez. 2009 -

Semestral

ISSN 2177-7365

1. Museologia - Periódicos. 2. Londrina – História. 3. Universidade
Estadual de Londrina. 4. Museu Histórico de Londrina

CDU 069:981.622

SUMÁRIO

Apresentação

Regina Célia Alegro..... 06

1. Projetos

1.1. Projeto UNE design, integração universidade – empresas:
restauro dos carros ferroviários..... 07

1.2. Detalhamento técnico da recuperação dos carros ferroviários
do Museu Histórico de Londrina..... 08

2. Exposições

2.1. Proposta museológica da exposição “UEL 40 anos”..... 09

2.2. Projeto geral da exposição “Cuidar, curar, lembrar -
memória da saúde em Londrina”..... 11

3. Artigos

3.1. Registro tridimensional de técnicas construtivas de carro
ferroviário do acervo do Museu Histórico de Londrina- PR.
Marcos Bernardo de Lima
Bernardo H. S. de Siqueira..... 14

3.2. Migrantes nordestinos em Londrina:
explorando o acervo do Museu Histórico no ensino de história
Gisele da Silva Oliveira..... 19

3.3. O imaginário da linha férrea como patrimônio cultural londrinense
a ser preservado pela ação educativa
Amanda Camargo Rocha
Vanessa Caroline Mauro..... 26

3.4. Oficina de mapas alternativos
Juliana Souza Belasqui
Keila Fernandes Batista..... 31

4. Entrevista

4.1. Jairo Teixeira Diniz..... 36

5. ASAM..... 41

O Museu Histórico de Londrina vem constituindo-se como um espaço importante para a formação inicial, continuada e permanente de profissionais e estudantes de diferentes áreas, especialmente do magistério. Não se trata apenas de um espaço que oferece consulta ao seu importante acervo, estágios, ou para simples fruição, mas de efetivo diálogo entre uma instituição hoje reconhecida como “cenário institucionalizado da relação entre patrimônio e público” e grupos sociais variados, de ações que façam dialogar diferentes projetos enquanto buscam evitar a banalização.

Se, por um lado, a ação museológica comunica sentidos patrimoniais, por outro, dialoga com uma pluralidade de abordagens de questões relativas a patrimônios, memórias e identidades indispensáveis para o convívio mais democrático e participativo.

Nesse contexto o Museu vem estabelecendo uma articulação crescente entre os docentes do ensino superior, da educação básica e os licenciados de diferentes áreas, solidificando um espaço de diálogo com instituições de ensino e de memória da região de Londrina, tendo como perspectiva a inclusão sócio/cultural/educacional.

Uma evidência desse esforço pode ser observada na sua ação educativa concretizada por meio de projetos como o Contação de Histórias do Norte do Paraná (extensão/UEL). Esse projeto objetiva a recolha de testemunhos junto a comunidades de Londrina com origens sociais e culturais diversificadas para constituir “outras” memórias, visando a multiplicidade, valorizando a cultura imaterial (costumes, práticas, saberes) e a cultura material relativa ao cotidiano, evidenciando os objetos que traduzem a diversidade e especificidades dos sujeitos.

A proposta, nos seus limites, orienta-se pela idéia tanto do estreitamento de vínculos entre licenciatura, escolas públicas e Museu Histórico de Londrina quanto de um alargamento do campo de ação do Museu ao localizar o interesse sobre memória e história nas escolas e comunidades, ao estimular a construção de novas representações orientadas pelas lembranças de trabalhadores do lugar e de novos registros para a memória local, envolvendo nesse processo, profissionais do ensino e estudantes em diferentes fases do processo formativo.

Entre outras ações, o Museu vem atuando no projeto PRODOCENCIA, Programa de Consolidação das Licenciaturas,

financiado pela CAPES (pesquisa em ensino/UEL), através do subprojeto Museu: espaço de identidades. Propõe-se à realização de ações em parceria entre o Museu Histórico, o Museu de Zoologia e o Herbário, todos mantidos pela UEL. Essa proposição tem como pressuposta a concepção do museu como espaço cultural e educativo.

Atuando nesses projetos, acadêmicos do curso de História recebem visitantes no Museu acompanhando as visitas, preparando materiais para a ação educativa e oferecendo oficinas, preparando exposições. Mas também foram até as escolas e comunidades oferecendo oficinas, cursos e apoiando iniciativas locais como feiras culturais e mostras versando sobre memória e identidade. Nesse sentido colaboraram com outras iniciativas, como o LENPES (Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Sociologia), com as “Jornadas de Humanidades”, realizadas nas dependências do Colégio de Aplicação da UEL com o tema “In/exclusão e Juventudes”, entre tantas outras atividades.

O número cinco do Boletim Museu Histórico de Londrina vem destacando as reflexões de acadêmicos envolvidos nesses projetos, assim como o restauro dos carros ferroviários estacionados na plataforma do Museu que contou com a preciosa participação de professores e alunos da UEL e UNOPAR, a organização da exposição UEL 40 anos e a preparação da exposição Curar, Cuidar, Lembrar: memória da saúde em Londrina. Essas ações envolveram a busca de resignificação dos sentidos e o compromisso com a preservação da memória histórica de Londrina e região.

Prof^ª Dr^ª Regina Célia Alegro

Sector de Ação Educativa do Museu Histórico de Londrina

1. PROJETOS

1.1. PROJETO UNE DESIGN, INTEGRAÇÃO UNIVERSIDADE – EMPRESAS:

restauração dos carros ferroviários

Bernardo Siqueira Henrique de Faria

Marcos Bernardo de Lima

Curso Desenho Industrial UNOPAR - Universidade Norte do Paraná de Ensino

O UNE DESIGN é desenvolvido pelo Curso Desenho Industrial da UNOPAR - Universidade Norte do Paraná. Procura estabelecer uma integração entre as atividades acadêmicas do curso de Desenho Industrial e diferentes setores empresariais da área pública ou privada, atendendo demandas de micro, pequenas e médias empresas da região de Londrina, assim como de sua instituição mantenedora. Procura-se contribuir para o desenvolvimento regional e aprimorar a capacitação profissional discente, por meio da aplicação de práticas do design, em situações reais de mercado na área de desenvolvimento de programação visual e projeto de produto. No caso do Projeto de restauração dos carros ferroviários, o Une Design dedica-se a executar levantamentos dimensionais dos carros ferroviários; desenhos técnicos de componentes; modelagem tridimensional; ilustrações técnicas; e à programação visual. O objetivo da equipe técnica de programação visual é executar projeto de catálogo, pôster e cartão postal; *paper toy*; projeto editorial e desenvolvimento de infográficos.

1.2. DETALHAMENTO TÉCNICO DA RECUPERAÇÃO DOS CARROS FERROVIÁRIOS DO MUSEU HISTÓRICO DA CIDADE DE LONDRINA

Ivanoe de Cunto

Departamento de Arquitetura da Universidade Estadual de Londrina

Trata-se de um projeto de pesquisa em ensino de graduação do Curso de Arquitetura da Universidade Estadual de Londrina, que propõe, através de desenhos técnicos, o detalhamento da recuperação cenográfica dos dois carros ferroviários, originalmente pertencentes à extinta R.V.P.S.C. (Rede de Viação Paraná-Santa Catarina), atualmente parte do Acervo Histórico Museu Histórico de Londrina. A recuperação dos carros através do detalhamento técnico permite aos alunos do Curso de Arquitetura a aplicação direta dos conhecimentos adquiridos em disciplinas de Desenho Projetivo e Informática, além do acompanhamento de todo o processo de recuperação buscando com os desenhos a serem executados facilitar o implemento da recuperação dos carros ferroviários. Todos os desenhos executados irão compor um banco de dados e serão usados na divulgação do processo de restauro. São utilizados basicamente softwares de CAD (*Computer aided design/drafting*), como AutoCAD e de representação como o *Sketchup*. Serão realizados: desenho técnico de acessórios de madeira; desenho arquitetônico; desenho técnico de acessórios em geral; desenho técnico rodados; elementos de comunicação visual; desenho técnico do mobiliário.

2. EXPOSIÇÕES

2.1. PROPOSTA MUSEOLÓGICA DA EXPOSIÇÃO “UEL 40 ANOS”

*Gina Issberner**

Acreditamos que a exposição *UEL 40 Anos* ofereça a possibilidade do aprofundamento de alguns aspectos da museologia, no sentido de pensar as ações museológicas, a partir de uma rede de interação contínua, estabelecida entre museu, universidade e comunidade londrinense. O envolvimento dos diversos sujeitos sociais na constituição do circuito expositivo e suas ações complementares proporciona amplas possibilidades para a realização de novos processos de construção da memória.

O propósito da mostra, de apresentar o desenvolvimento da universidade, tem como meta a valorização das pessoas que a constituíram e que, ao longo dos anos, determinaram as características atuais da instituição. Nessa proposta, a participação ativa de colaboradores, determinante para o seu sucesso, favorece discussões quanto à própria memória institucional, em determinados momentos, recuperando datas, acontecimentos e lembranças, num processo extremamente afetivo. Nesse sentido, as ações museológicas têm como referencial não somente os objetos ou coleções, mas a história social da universidade, na qual a ação dos sujeitos os transforma em cidadãos atuantes pelo ato de reconhecerem-se como parte desta narrativa. A história da universidade é a história do cotidiano de servidores, alunos e comunidade, de um interessante cruzamento de histórias do presente e do passado.

O Museu Histórico de Londrina, cada vez mais, articula suas atividades a partir de diferentes áreas de atuação, estabelecendo processos coletivos de conhecimentos para o gerenciamento dos projetos. A negociação cultural e a interlocução entre distintas competências têm pautado o cotidiano da dinâmica museológica, no que se refere à pesquisa de acervo, política de aquisições, ação educativa e patrimonial, práticas de compartilhamento de informações entre outros aspectos.

De um modo geral, observa-se que foi possível identificar e sistematizar algumas práticas, apresentadas no decorrer do processo de

*- Gina Issberner. Museu Histórico de Londrina. Museóloga. 009-I COREM5ªR.

concepção do circuito como, por exemplo, a aplicação dos recursos da interatividade em diversos momentos do circuito e nas ações educativas da mostra. Atualmente, muito se fala na interatividade em museus. E são diversas as formas de interação.

Dentro da concepção de interatividade do visitante no circuito expositivo, propomos na primeira sala, um organograma circular e giratório, como recurso interpretativo dos diversos níveis institucionais, utilizando uma solução interessante para um conteúdo informativo de interesse apenas institucional. Neste módulo, complementamos o enfoque a respeito da estrutura administrativa e física da universidade, com um *clipping* com as fases da evolução física do campus nestas quatro décadas, imagens dos jardins e um painel com o infograma *UEL em Dados*.

Na segunda sala apresentamos os passos iniciais para a constituição da universidade, além de destacar a participação de alunos e funcionários no processo de construção social da instituição ao longo de sua formação. Destacamos nesta sala o painel da *Campanha Uel, Mostre Sua Cara*, evidenciando a adesão espontânea da comunidade universitária mediante a fixação de suas fotos 3x4. Este recurso é concebido como um grande ponto de encontro e de reconhecimento de amigos e colegas da universidade.

Na terceira sala, oferecemos uma pequena mostra de 40 atividades desenvolvidas pela UEL, em que consolida sua trajetória como universidade-cidadã comprometida com o processo social através do ensino, da produção científica e cultural. Ilustramos também através de um grande tapete em vinil, na forma de um mapa, com imagem aérea via satélite, da presença marcante da UEL na cidade de Londrina, com a sinalização de 40 pontos de atividade da universidade. A necessidade de uma museografia¹ flexível, mais dialogada, representa um desafio nas possibilidades de comunicação com o público do museu, num espaço de observação das verdadeiras necessidades e interatividades do circuito expositivo. Exatamente pelo museu não ser o espaço de sala de aula, mas instituição aberta à visita espontânea de sua comunidade e a serviço do turismo local, ele interpõe-se entre os olhares, novos ou velhos, em todas as suas dimensões de conhecimento.

1- De acordo com Germain Bazin "(...) trata-se da leitura narrativa de cada museu: de cada ambientação; cada mobiliário ou distribuição de espaços é portador de conotações ideológicas e estéticas que levam um ciclo histórico determinado...

2.2. PROJETO GERAL DA EXPOSIÇÃO “CUIDAR, CURAR, LEMBRAR - MEMÓRIA DA SAÚDE EM LONDRINA”

Equipe Museu Histórico de Londrina

As questões relativas à saúde da população são invariavelmente importantes. Ao propormos esse projeto, apresentamos a possibilidade de agrupar informações e experiências relativas aos tratamentos da saúde na região de Londrina numa perspectiva histórica. Esse conhecimento pode e deve ser organizado e disseminado para o aprofundamento do sentido de coletividade da população local ao perceber os esforços, sucessos e insucessos no enfrentamento do tratamento dos males físicos; tornando-a mais sensível às fragilidades da condição humana através do reconhecimento das experiências passadas. Para isso, planeja-se um trabalho de pesquisa (levantamento de documentação e realização de entrevistas), seleção de material, organização de uma exposição e produção de material gráfico sobre o acervo possuído e coletado e sobre a história da assistência médica em Londrina.

Essa proposta tem como objetivos, contribuir para a preservação da memória histórica de Londrina, por meio da realização de entrevistas junto a pioneiros identificados no processo de pesquisa que tenham relação com a questão do tratamento da saúde; contribuir para a renovação e melhoria da qualidade de vida e da dimensão cultural da população, por meio da divulgação da exposição e do acervo adquirido; disseminar conhecimento sobre o passado da região relativo aos procedimentos institucionais e não institucionalizados no tratamento da saúde.

O Museu Histórico de Londrina, como equipamento cultural de importância para a cidade, através desse projeto, pode ampliar sobremaneira os registros sobre o passado da saúde na região (principalmente quanto à cultura imaterial revelada através dos saberes atuais e passados). A constituição e levantamento de documentação e a sua disseminação junto à comunidade implicam num esforço de preservação do patrimônio histórico-cultural da cidade.

O Museu Histórico possui um acervo consistente de peças relativas às áreas médicas, odontológica e farmacêutica. Também possui entrevistas com profissionais da área da saúde e pioneiros acerca das experiências passadas como condições de tratamento de doenças e acidentes, atendimento de parturientes e recém-nascidos, tratamentos

das dores e campanhas públicas, junto aos envolvidos no processo de constituição de entidades assistenciais e em situações que mobilizaram a comunidade, como o combate à febre amarela, icterícia, hanseníase, tuberculose, *aedes aegypti*.

Essas informações estão dispersas e propomos agrupá-las, organizá-las para apresentar um panorama dos modos encontrados pela população da região para o restabelecimento da saúde. A partir da dinamização da ocupação do espaço local pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), em 1929, podemos acompanhar o processo de constituição de instituições voltadas para o atendimento da saúde (1933, Hospital da CTNP; 1937, Hospitalzinho Dr. Jonas; 1938, Hospitalzinho dos Indigentes; 1938, Laboratório de Análises Clínicas; 1940, Irmandade da Santa Casa de Londrina; 1941, Associação Médica de Londrina; 1942, Casa de Saúde Santa Cecília; 1944, Hospital da Santa Casa de Misericórdia; nos anos 50, Hospital São Leopoldo, Hospital Evangélico; anos 60, Centro Norte Paranaense de Pesquisas Médicas - hoje Hospital do Câncer de Londrina, Conselho Médico de Assistência à Mulher - CLAM; nos anos 70, Hospital Evangélico, Hospital Universitário) e outras.

No processo de constituição de Londrina, muitos foram os esforços no sentido do atendimento da saúde da população, tanto individual, quanto coletivo. Ainda que não possamos referir nesse espaço um panorama completo, cabe destacar o trabalho de médicos como Gabriel Martins, Anísio Figueiredo, João Figueiredo, Caio Moura Rangel e Newton Câmara, que atenderam voluntariamente os doentes pobres no “Hospitalzinho de Indigentes” nos anos 30; de Adolfo Barbosa Góis, Jonas de Farias, Justiniano Clímaco da Silva e Afonso Haikal; das irmãs de Schoenstatt, da Santa Casa de Misericórdia.

Muitos dos tratamentos da saúde implicaram em tradições e saberes populares. Incluímos não somente procedimentos reconhecidamente médicos, mas tratamentos descritos em entrevistas e outros registros. Esse é o caso do uso comum de medicação homeopática e baseada em plantas medicinais pela população local. Incluímos as tradições de várias origens nos tratamentos de males específicos e prevenção, algumas mais facilmente identificáveis (indígena, japonesa, africana), vinculadas ou não a crenças populares, como no caso das benzedeiças.

A apresentação desses “modos de fazer” através da exposição

e material gráfico não compreende um processo evolutivo progressivo (medicina arcaica-medicina moderna), nem uma proposição de procedimentos ideais, mas a organização de informações relativas aos procedimentos e situações relativos à saúde do corpo no espaço da cidade de Londrina. As entrevistas, nesse sentido, tomam particular importância, pois prevemos que poderão ampliar sobremaneira o acervo documental do Museu Histórico, focando exatamente a cultura imaterial (práticas e saberes) e valorizando a memória de parte da população que não esteja tradicionalmente identificada à história da saúde na região.

A temática proposta para a exposição possibilita atividades paralelas que podem contribuir para a disseminação de questões relativas à saúde da população atual.



3. ARTIGOS

3.1. REGISTRO TRIDIMENSIONAL DE TÉCNICAS CONSTRUTIVAS DE CARRO FERROVIÁRIO DO ACERVO DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA- PR.

*Marcos Bernardo de Lima**

*Bernardo H. S. de Siqueira***

Resumo

Este artigo apresenta o registro de técnicas construtivas de um carro ferroviário belga, pertencente ao acervo do Museu Histórico de Londrina- PR. Simboliza o início do processo de colonização da região norte do Paraná, com a chegada da ferrovia ao Norte Pioneiro, entre 1920-1930. Sua importância, para a memória cultural da região, levou a necessidade de um segundo processo de restauro, possibilitando o registro técnico detalhado de suas características construtivas, devido a não existência de informações técnicas que pudessem dar suporte ao processo de restauração e que, contribuísem para ampliar o acervo de dados existentes. A execução do registro técnico tridimensional resultou da parceria entre o projeto de extensão permanente UNE Design, do curso de Desenho Industrial da Universidade Norte do Paraná – UNOPAR, com o departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Londrina – UEL. Serão apresentados os procedimentos realizados durante a realização das atividades.

Palavras-chave: *Carro Ferroviário; Registro técnico; Restauração; Software Gráfico; Desenho Técnico.*

Introdução

O projeto de extensão permanente UNE Design, do curso de Desenho Industrial da UNOPAR, objetiva desenvolver projetos em duas áreas específicas: Projeto de Produto e Programação Visual. As atividades desenvolvidas são originárias de solicitações de empresas e entidades de Londrina- PR e região. Os colaboradores trabalham voluntariamente em desenvolvimento de projetos, de forma a ampliar

*- Prof. Ms. da União Norte do Paraná de Ensino Ltda. e-mail: marcos@unopar.br

** - Prof. Esp. da União Norte do Paraná de Ensino Ltda. e-mail: bernardo@brtipo.com

suas experiências e conhecimentos técnicos, assessorados por professores especializados na área.

O processo de restauro do carro ferroviário de passageiros, de origem belga, pertencente ao acervo do Museu Histórico de Londrina-PR possibilitou o registro de diversas etapas deste processo, incluindo a produção de documentação técnica dos processos construtivos utilizados durante sua construção, contribuindo para o processo de restauro e ampliação das informações existentes.

As atividades previstas durante o registro técnico, como o levantamento dimensional de peças industriais e a produção de desenhos técnicos, são competências esperadas do profissional de desenho industrial, cuja atuação abrange também a área de transportes.

A adequação da parceria proposta pelo departamento de Arquitetura e Urbanismo da UEL, aos objetivos do projeto UNE Design, resultou na parceria técnica iniciada durante o primeiro semestre de 2011, com o objetivo de realizar a documentação técnica completa do carro ferroviário de passageiros a ser restaurado.

Os colaboradores

A parceria entre as duas instituições de ensino possibilitou a formação de uma equipe de alunos colaboradores, oriundos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo (UEL) e Desenho Industrial (UNOPAR), na habilitação de Projeto de Produto.

Durante esta parceria, ampliaram-se as atividades a serem desenvolvidas pela equipe, integrando discentes de Desenho Industrial, com habilitação em Programação Visual, para o projeto do catálogo oficial da exposição do carro a ser restaurado, assim como outros elementos gráficos relacionados.

A equipe final de colaboradores contou com um total de 18 membros, incluindo os coordenadores técnicos: Prof. Esp. Bernardo S. H. de Faria (UNOPAR-Programação Visual), Prof. Ms. Ivanoe de Cunto (UEL-Arquitetura) e Prof. Ms. Marcos Bernardo de Lima (UNOPAR-Projeto de Produto).

Todo o processo das atividades de registro técnico recebeu apoio logístico e técnico do da coordenação dos serviços de restauro, cujo responsável foi o desenhista industrial Amilton Batista Cardoso (UEL).

A metodologia de trabalho

O processo de desenvolvimento do projeto foi estruturado em diferentes etapas. A primeira etapa consistiu na divulgação do projeto, dentro das instituições parceiras, com o objetivo de realizar entrevistas e selecionar a equipe multidisciplinar de colaboradores.

Após a definição deste grupo, realizou-se uma reunião com a direção do Museu Histórico de Londrina, para um melhor entendimento da importância do projeto para a memória histórica da cidade de Londrina, assim como os objetivos e prazos relacionados ao projeto. Neste momento, ocorreu a primeira visita técnica ao carro ferroviário de passageiros, conhecendo-se suas características gerais, seus diferentes materiais e sua arquitetura interior.

Posteriormente, realizou-se uma reunião entre os coordenadores técnicos e a direção do museu, para definir a metodologia de trabalho a ser adotada. Estabeleceu-se que a equipe de trabalho atuaria em duas frentes. A primeira, estabelecida no Museu Histórico, seria responsável pela seleção de peças, e de seu dimensionamento primário. A segunda frente receberia as informações primárias e trabalharia no desenvolvimento do projeto tridimensional do carro ferroviário, utilizando softwares gráficos específicos para a produção de desenhos técnicos.

Para a viabilização do trabalho, todos os colaboradores receberam treinamento para a utilização do software Autodesk Inventor 2010, para que fosse possível integrar os documentos técnicos a serem gerados por cada colaborador. Esta ferramenta de trabalho possibilita dividir as ações de vários profissionais, e depois integrá-las para a finalização das atividades.

Estruturalmente, o carro ferroviário de passageiros foi dividido em cinco partes: teto; paredes laterais (esquerda e direita); entrada da 1ª. Classe e entrada da Classe Econômica; piso e chassi; e interior. Para cada uma das divisões foram organizadas células de alunos com o objetivo de finalizar cada etapa, utilizando parâmetros dimensionais comuns, e que possibilitassem a posterior integração das partes. Da mesma forma, o desenho técnico de cada divisão foi padronizado, para que apresentassem uma linguagem comum.

Resultados

Os poderosos recursos de representação em três dimensões, do software utilizado, possibilitaram realizar uma produção fiel aos aspectos construtivos do carro ferroviário. Representaram-se fidedignamente dimensões e características de cada componente do carro ferroviário, durante o processo de desmontagem e restauro de cada componente. Apesar de sua estrutura básica de madeira contar com mais de 3500 peças, foi possível identificá-las, categorizá-las e quantificar sua utilização dentro da estrutura. A partir deste processo contínuo, especificaram-se também furações existentes, assim como operações de usinagem existentes em cada modelo de peça. Sistemas de encaixes e ferragens estruturais também foram inseridos no processo de modelagem tridimensional do carro de passageiros, ampliando a precisão e a riqueza das representações.

Com o objetivo de aperfeiçoar o procedimento de execução do memorial técnico estabeleceu-se uma nova rotina de conferência de medidas, quando na existência de alguma dúvida no processo, utilizando-se desde a comunicação via telefone, e-mail e visita de conferência em campo. A partir deste, dinamizou-se as ações da equipe de modelagem, uma vez que qualquer erro existente influenciava diretamente nas divisões estabelecidas de trabalho, por se tratar de uma grande estrutura tridimensional.

Os processos utilizados possibilitaram identificar erros de levantamentos dimensionais ocorridos em campo, oriundos basicamente da natureza da madeira e de seu processamento, assim como de sua história de vida frente às mudanças climáticas. Muitos dos dados enviados inicialmente para o processo de modelagem tridimensional apresentaram-se incompatíveis com o conjunto dimensional do carro ferroviário. A partir das problemáticas existentes estabeleceram-se novas rotinas que contribuíram para a finalização do projeto de execução do memorial técnico do carro ferroviário.

Conclusões

Todo o processo representou um grande desafio, devido à necessidade de acompanhar diretamente o processo de desmonte das

estruturas do carro, realizando desde um acompanhamento fotográfico detalhado do mesmo, para pormenorizar junções e posicionamentos de componentes, levantar suas dimensões e muitas vezes trabalhar diretamente no computador, com elementos mais complexos ao alcance de suas mãos.

Como resultado final, desenvolveu-se um memorial técnico fidedigno às características formais, estruturais e dimensionais do carro ferroviário, modelado em três dimensões, possibilitando serem utilizado para a produção de desenhos técnicos de peças e conjuntos, animações e vídeos educacionais.

Como parte dos objetivos iniciais do projeto, foram produzidas plantas técnicas do conjunto do carro ferroviário e fornecidas ao Museu Histórico da cidade de Londrina, de forma a ampliar o acervo de informações técnicas do mesmo. Os arquivos tridimensionais produzidos possibilitam gerar um grande número de informações adicionais a respeito de técnicas construtivas utilizadas em sua fabricação.

O desenvolvimento das atividades do projeto somente foi possível com o apoio da equipe técnica do Museu Histórico de Londrina, e a dedicação de toda a equipe de voluntários da Universidade Estadual do Paraná e da União Norte do Paraná de Ensino, que durante oito meses contribuíram para que o carro ferroviário reafirmasse sua importância na memória cultural de toda região norte do Paraná.

3.2. MIGRANTES NORDESTINOS EM LONDRINA: explorando o acervo do Museu Histórico no ensino de história

Gisele da Silva Oliveira*

Resumo

O presente trabalho coleta e estuda as idéias de estudantes do ensino fundamental sobre nordestinos presentes no início da cidade. Explora como fontes um questionário aplicado a estudantes da rede pública de ensino e entrevista com migrante. As idéias de quarenta e seis estudantes são confrontadas com a do nordestino Kepler Palhano. A análise se ampara em estudos sobre o norte do Paraná e as origens de Londrina, sobre o conceito de estereótipo elaborado por Erving Goffman. Os resultados apontam que os alunos concebem o nordestino como o migrante pobre que vem para a cidade em busca de trabalho na cultura do café ou na construção civil e não está presente nas origens de Londrina. Para problematizar as idéias dos participantes, estudou-se a entrevista de Kepler Palhano, engenheiro maranhense, indica a presença de nordestinos na origem da cidade e exercendo funções variadas, além de status social variado. Essa entrevista é parte do acervo do Museu Histórico de Londrina Padre Carlos Weiss, espaço de pesquisa, mas também de ensino e de aprendizagens. Conclui-se que é preciso intervir na aprendizagem dos alunos em vista do reconhecimento da diversidade de sujeitos que caracterizou a formação de Londrina.

Palavras-chave: *Ensino de História; Nordestinos em Londrina; Aprendizagem de história.*

O senso comum considera que Londrina foi fundada por ingleses e colonizada por imigrantes europeus e seus descendentes. Uma rápida sondagem numa sala de aula do ensino fundamental pode confirmar essa afirmação que é tão comum quanto equivocada, ainda mais quando a historiografia já questionou idéias sobre os “pioneiros” e o processo de “colonização” da cidade (ARIAS NETO, 1994, 2008;

*- Graduanda em História, bolsista do Programa Universidade Sem Fronteiras/Iniciação Extensionista da UEL. Projeto: Contação de Histórias do Norte do Paraná; PRODOCÊNCIA–Museu: espaço de identidades (CAPES/UEL); Projeto “A construção da memória e a preservação do patrimônio cultural em Londrina” (PROEXT/MEC/UEL); Museu Histórico de Londrina (UEL). Orientadora: Dra. Regina Célia Alegro, Museu Histórico de Londrina (UEL).

TOMAZI, 2000). Os estudos indicam que a construção de Londrina é obra, basicamente, de migrantes nacionais, particularmente daqueles que vieram de São Paulo, Minas e de estados do nordeste.

Tomazi (2000) apresenta o discurso construído a respeito da história da região e os silêncios que a cercam. O presente texto trata do embate entre o discurso “oficial” e da presença e participação de nordestinos na cidade. Este discurso oficial está associado à memória de indivíduos e grupos detentores de poder na região e encontrado nos lugares remetentes à memória da cidade, os discursos fundadores. Este discurso se caracteriza como homogêneo, afirmando a existência de uma comunidade onde todas as pessoas têm os mesmos interesses, pensam e agem de modo igual.

[...] Trazer à tona algumas destas vozes, é um trabalho político significativo, pois significa colocar no cenário a história dos excluídos, na medida em que eles também devem estar presentes na cena da narrativa histórica, pois a história dos “pioneiros” está preocupada em realçar apenas as dificuldades e os sofrimentos dos que venceram na ótica do capital, isto é, dos que enriqueceram, e não daquela maioria que trabalhou para que tivesse sido gerada esta riqueza.

Quando se fala em história dominante, não se quer afirmar que só é a visão de quem domina, ela é também o olhar de uma parcela significativa da população que a aceita e a reproduz, assumindo-a integralmente, porque ela é preñe de valores hegemônicos na sociedade brasileira. [...]. (TOMAZI, 2000, p.107).

Pensando nestas proposições se delineiam alguns questionamentos: o que pensam alguns jovens em processo de escolarização a respeito da presença nordestina na cidade? Esta questão pode contribuir para o desvendamento de práticas e identidades que aparecem como naturalizadas nas lembranças do cidadão comum. Aparentemente, certo “desinteresse” da historiografia se desdobra no ensino escolar sobre a presença de nordestinos na cidade. Por outro lado, a observação cotidiana faz pensar que existe um estereótipo do nordestino, a existência de particularidades com as quais os alunos identificam um indivíduo e que são ignoradas, a uma primeira vista, e que podem levar à criação de estigmas como estuda Goffman (1978).

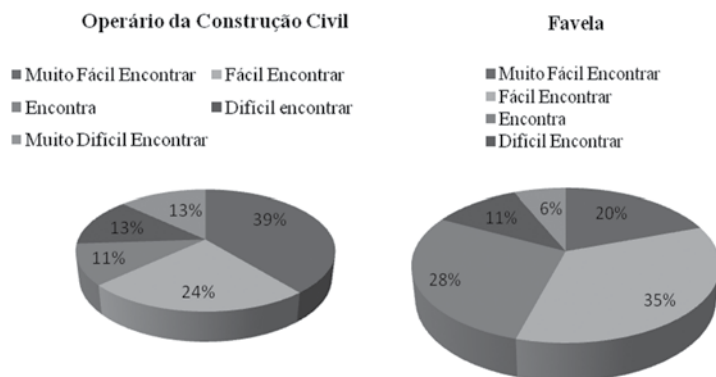
Esse autor, Goffman, fala da dificuldade dos indivíduos incapazes de se enquadrarem no padrão normativo da sociedade e, principalmente, do embate entre o “normal” e o “anormal”. O estigma só tem uma função se for aplicado nas relações sociais, pois são elas que expõem os padrões normativos, o que é bom ou ruim, normal

ou anormal, o que é digno de lembrança e o que não é. Os resultados expostos a seguir mostram a figura do nordestino como “anormal”, no sentido que se afasta do modelo de colonizador proposto pelas narrativas da memória prevalectente.

O que pensam os alunos?

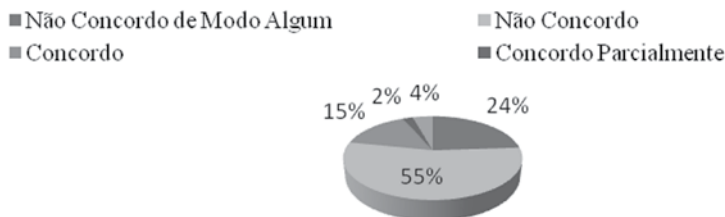
Para entendermos o que pensam os jovens em processo de escolarização foi aplicado um questionário a alunos do ensino fundamental da rede pública de ensino. Na primeira questão foram mostradas algumas imagens aos participantes e solicitado que assinalassem o local onde seria mais fácil encontrar nordestinos em Londrina.

Na imagem da “favela” a maior quantidade de respostas concentrou-se na alternativa *muito fácil encontrar*, com 35%. Em seguida aparece a resposta intermediária com 28% e a opção *muito fácil encontrar* com 20%. As alternativas *difícil encontrar* e *muito difícil encontrar* somam 17%, respectivamente 11% e 6%. A imagem dos operários da construção civil continua com o padrão de respostas, *fácil encontrar* e *muito fácil encontrar* somam 63%, 24% e 39% respectivamente. *Difícil encontrar* e *muito difícil encontrar* somam 26%, 13% cada, enquanto a resposta intermediária conta com 11% do total. Aqui o estereótipo do nordestino é perceptível. O nordestino é em grande parte das vezes retratado como pobre e à margem, tanto a imagem da favela como a do operário da construção civil é a tradução desta condição.



Após as imagens, foi apresentada uma afirmação e os resultados são os expostos no gráfico a seguir: *conheço nordestinos que marcaram a história de Londrina.*

Conheço nordestinos que marcaram a história de Londrina.



As alternativas *não concordo* e *não concordo de modo algum*, juntas somam, respectivamente, 79% do total, 55% e 24% das respostas dos estudantes. Através deste resultado, observamos a força do discurso fundador e principalmente do estereótipo que cerca a figura do migrante nordestino, que em consequência disto não são reconhecidos pelos alunos como integrantes da história da cidade.

O que dizem os nordestinos?

O museu histórico é diariamente visitado por inúmeros estudantes de diferentes graus de escolarização; a partir disto, podemos perceber o seu importante papel no que diz respeito ao ensino de história. É provável que mesmo após uma visita ao museu o aluno, ao ser questionado sobre a presença nordestina na cidade, aponte resultados semelhantes aos apresentados acima, porém dizer que o museu não registra a presença de nordestinos na memória da cidade de Londrina é uma postura que não condiz com a realidade.

No entanto, é preciso explorar estes documentos, tendo em vista objetivos de ensino bem especificados, a partir da identificação das ideias dos alunos. Nesta perspectiva, o acervo museológico ganha mais condições de apresentar-se como fonte para a produção de novos conhecimentos.

Abre-se assim um leque de possibilidades tanto para as ações educativas como para o próprio professor de História. As coleções, expostas ou não, podem converter-se em objetos de estudo tanto para

pesquisadores como para alunos da escola básica. O resultado apresentado acima, através das respostas dos alunos, mostra a visão equivocada da figura do nordestino na história da cidade.

Para problematizar e desconstruir essas ideias, estudou-se uma entrevista concedida à equipe do Museu Histórico de Londrina Pe Carlos Weiss pelo nordestino Kepler Palhano, cujo sobrenome é reconhecido na cidade, mas não vinculado à ascendência nordestina. A seguir, apresentam-se fragmentos deste documento organizados em duas categorias criadas para destacar as informações mais comuns nas respostas obtidas entre os alunos.

ORIGEM
<p>WS: Seu Kepler [rindo] [você]s nasceram no Maranhão? Estudaram no Rio de Janeiro? KP: É.</p>
<p>WS: A família no Maranhão era... uma família bem aquinhoada, bem de vida? KP: Eram todos engenheiros, todos os meus tios.</p>
<p>WS: Digo ... o seu pai? KP: Meu pai também.</p>
<p>WS: Era engenheiro também? KP: O meu pai... ele tinha... casa muito boa, tinha sítio, tinha uma porção de coisas. Ele... foi pro Amazonas ajudar a construção da... daquela estrada de ferro.</p>
TRABALHO
<p>WS: Essas entradas dos ingleses, pelas trilhas já tinham sido abertas? Foram quantas entradas? O senhor acompanhou, foram quantas vezes? KP: Foi uma única vez.</p>
<p>WS: Isso foi em... senhor e aí estava aqui, foi antes de 30, é claro ? KP: Uma só (...), foi em 30. Foi em 28, 29, enquanto fazia o levantamento para fazer as demarcações. Comecei pelas terras de Nova Esperança que é juntamente do vale do Jataí com Piquiri, com o Ivaí. Aliás, é onde tinha as maiores concessões. Quando demarcaram, retirava a cada quilômetro um pouco de terra que foi mandada para a Inglaterra.</p>
<p>WS: O senhor e os irmãos. Todos são engenheiros e geólogos, né? KP: Todos</p>
<p>WS: Se formaram na universidade... Sim. Mas lembra da universidade? A universidade do Rio de Janeiro? KP: É, no Rio. É eu, eu me formei em Niterói.</p>
<p>WS: Em Niterói. KP: Não era universidade. Era escola de agronomia... era agronomia... Ah nem me lembro mais. Interessante eu não queria estudar nada disso, não sabe? Eu queria estudar medicina. Mas o vestibular de medicina, naquele tempo era duro, muito duro... e... eu me matriculei na escola de farmácia e odontologia do estado do Rio. Porque naquele tempo existia transferência do segundo ano de farmácia para o terceiro ano de medicina, que era equivalente. Mas entrou o tal de Chico Sapiência, né. Nós o chamávamos de Chico Sapiência. Não me recordo o nome dele, não. Era Francisco não sei de que. Fez uma reforma do ensino e cortou essa transferência. Aí eu abandonei.</p>

Tabela: Categorização origem e trabalho

Kepler Palhano, maranhense saiu de sua cidade para estudar, não saiu fugindo da seca e também não é analfabeto. É engenheiro e, se não o fosse, buscaria profissões que não estão de acordo com as respostas dos alunos. A idéia de que o nordestino é pobre também é quebrada, Palhano descreve a situação de sua família no estado do Maranhão como detentora de grandes posses. Por último, podemos perceber que diferentemente das respostas dos alunos, o nordestino está presente, sim, na história da cidade, exercendo papéis importantes, o que não aparece nas idéias prévias dos estudantes.

Através do estudo do relato de Kepler Palhano, somos estimulados a retomar as proposições de Goffman. O aluno, ao ser questionado, apresentou o nordestino através das representações que seu meio social lhe proporcionou. O diferente foi visto como inferior e o nordestino não foi incluído pelo aluno no discurso fundador.

Conclusão

A partir deste estudo, vemos que o ensino de história é uma importante ferramenta para a mudança na medida em que possibilita ao aluno perceber-se como parte do seu tempo e, ao mesmo tempo, desenvolver um olhar crítico sobre ideias e práticas já naturalizadas no cotidiano.

A entrevista de Kepler Palhano é apenas uma das possibilidades documentais, além desta, outras fontes foram encontradas no Museu Histórico de Londrina e podem ser exploradas em sala de aula. É necessário que “outros espaços” do museu, além das exposições, sejam explorados no ensino de história. Trabalhar com estes outros estímulos possibilita ao aluno a compreender o conhecimento como uma invenção dos seres humanos, uma construção, uma representação do mundo, não ele propriamente dito. (MOREIRA, 2000).

BIBLIOGRAFIA

ARIAS NETO, José Miguel. O pioneirismo: discurso político e identidade regional. In: *Revista Brasileira de História*. Vol.14, nº. 50. São Paulo: ANPUH, 1994

ARIAS NETO, José Miguel. *O Eldorado: representações da política em Londrina, 1930/1975*. Londrina: EDUEL, 2008

BITTER, Daniel. Museu como lugar de pesquisa. In: *Museu e escola: educação formal e não-formal*. Ano XIX, nº. 3. SALTO PARA O FUTURO, 2009.

Goffman, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. São Paulo: ZAHAR EDITORES, 1978.

MOREIRA, Marco Antonio. Aprendizagem significativa subversiva. Conferência. In: *Atas do III Encontro Internacional sobre Aprendizagem Significativa*, Lisboa (Peniche), 11 a 15 set. 2000, p.p. 33-45.

PALHANO, Kepler. *Entrevistado: Kepler Palhano*. Abertura e Encerramento: Profª. Conceição A. D. Geraldo; Entrevistadores: Widson Schwartz; Rosângela Ricieri Haddad; Data: 12/01/98; Tempo da Fita: 1h38m50s; Apoio Técnico: NTE; Transcrito e Digitado por Anelise Herden; Revisado por Elaine A. Garcia de Oliveira

TOMAZI, Nelson Dacio. *“Norte do Paraná” histórias e fantasmagorias*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.

3.3. O IMAGINÁRIO DA LINHA FÉRREA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL LONDRINENSE A SER PRESERVADO PELA AÇÃO EDUCATIVA

Amanda Camargo Rocha

*Vanessa Caroline Mauro**

Resumo:

A chegada dos trilhos de trem a Londrina foi um marco no desenvolvimento da região, aumentando consideravelmente a venda de terras da Companhia de Terras Norte do Paraná, e trazendo aos moradores a esperança do progresso e crescimento econômico. Juntamente com o admirável desenvolvimento da região e da área urbana do município, que se tornou o maior pólo cafeeiro do mundo, cresceu a linha férrea e a estação ferroviária, ambos compartilhando o mesmo imaginário de pujança, progresso e modernidade. Este imaginário se consolidou no sentimento londrinense, mas vem sendo aos poucos apagado, à medida que as novas gerações de londrinenses (que nunca presenciaram a linha férrea em funcionamento) vão surgindo. Portanto, o objetivo deste artigo é demonstrar formas de trabalhar os documentos disponíveis no Museu Histórico de Londrina, que evidenciam este imaginário ferroviário, na ação educativa com vistas à preservar o patrimônio cultural de Londrina e do Norte do Paraná.

Palavras-chave: *Patrimônio cultural; Ação educativa; Educação patrimonial; Linha férrea no norte do Paraná; Memória e história de Londrina; Museu Histórico de Londrina.*

Os pioneiros da primeira geração de Londrina chegaram com o trem, viram a cidade crescer e produzir, e a estrada de ferro levar os frutos da cidade, que ficou conhecida como a Capital Mundial do Café. A linha férrea era essencial para a consolidação da imensa possibilidade de exploração da terra vermelha, basáltica, do norte do Paraná, a garantia de escoamento da produção agrícola, e da manutenção da sobrevivência dos moradores dos sertões norte-paranaenses. Portanto,

*- Graduandas, bolsistas Fundação Araucária. Orientadora: Dra. Regina Célia Alegro. Projeto Contação de Histórias do Norte do Paraná, PRODOCÊNCIA – Museu: espaço de identidades (CAPES/UEL), Projeto “A construção da memória e a preservação do patrimônio cultural em Londrina” (PROEXT/MEC/UEL); Museu Histórico de Londrina (UEL).

não é a toa que o imponente prédio da segunda estação ferroviária de Londrina fosse escolhido para resguardar a memória da cidade, e que se tornasse no imaginário londrinense, o símbolo da pujança econômica cafeeira da região. Tal ideia de progresso surge incentivada pelas inúmeras campanhas publicitárias da Companhia de Terras Norte do Paraná, que, objetivando consolidar a colonização norte paranaense, trouxe os trilhos do trem através da compra da Companhia Ferroviária São Paulo – Paraná.

Não é apenas a imponência e beleza estética da edificação da antiga estação ferroviária que a mantêm como marco arquitetônico e patrimonial de Londrina, mas sim o significado que tal construção teve a partir de sua inauguração no ano de 1950, materializando a ideia de cidade próspera, tão difundida desde o início da colonização da cidade. Desativada em 1982, há 30 anos já não chegam mais pessoas pela linha férrea, os londrinenses da década de 1980 até a década atual nunca viram a estação em seu funcionamento original. Como então fazer com que a estação continue sendo reconhecida pelas novas gerações de londrinenses como patrimônio cultural londrinense, parte importante do crescimento e transformação da cidade e região?

É neste ponto que entram as atividades de ação educativa patrimonial, realizadas pelo Museu Histórico de Londrina. A instituição resguarda dois carros ferroviários centenários, que provavelmente passaram pela linha férrea da cidade de Londrina no início do século passado; ainda na primeira estação ferroviária. Esses carros eram de propriedade da Rede Ferroviária Paraná – Santa Catarina e foram doados à Universidade Estadual de Londrina no ano de 1998, pela Rede Ferroviária Federal. Recentemente foram restaurados e reabertos à visitação, e se encontram estacionados sobre os trilhos ao longo da plataforma do museu. Para a realização do restauro foram necessárias verbas vindas do PROMIC - Programa Municipal de Incentivo à Cultura, conseguidas por projeto apresentado pela ASSAM - Associação de Amigos do Museu Histórico de Londrina.

Considerando a grande quantidade de visitas recebidas pelo Museu Histórico de Londrina, formadas por um público de diferentes faixas etárias e provenientes de muitas instituições de ensino da região, os carros ferroviários, enquanto documentos históricos proporcionam muitas possibilidades de trabalho em torno da imagem da linha férrea e da estação ferroviária como patrimônio cultural. Soma-se a isso a possibilidade de utilização de outros documentos disponíveis para

pesquisa na biblioteca e no setor de imagem e som, mantidos pelo museu. Mesclar as fontes históricas disponíveis, analisando-as no trabalho com os alunos, dentro de uma proposta de interdisciplinaridade, traz a memória coletiva londrinense do trem para o imaginário particular que cada aluno tem da cidade de Londrina e da região Norte do Paraná, em que vive.

Um dos possíveis documentos que podem ser trabalhados a respeito do tema são as publicações do jornal *Paraná Norte*. De propriedade de Humberto Puiggari Coutinho, foi o primeiro periódico publicado no então Patrimônio Três Bocas, mais tarde Londrina. Em edição especial publicada no dia 28 de julho de 1935, a primeira página noticia exclusivamente a inauguração da estrada de ferro e da primeira estação ferroviária de Londrina. No meio da notícia se faz a seguinte afirmação: “Não nos accode à memória de haver no Brasil uma obra semelhante”. Fica evidente a preocupação em transparecer as inovações que caracterizavam a obra, buscando fazer um discurso de modernidade, o que é sempre observado nas publicações da época a respeito da colonização do norte paranaense. No último trecho da notícia esse discurso ainda se faz presente:

Hontem, a epocha do trilhar a pé a matta sem caminhos, hoje o silvo agudo das locomotivas, echoando pelas encostas das serranias, e as grandes obras portentosas e atrevidas como a ponte do Tybagi... e outras, mais outras, até alcançar o Paraná immenso e rumoroso, encrespado pela brisa suave, soprada das cordilheiras do Amambay como uma carícia perfumada, mensageira da fraternidade do povo mattogrossense ao povo paranaense. (PN, 28/07/1935. Acervo do Museu Histórico de Londrina)

Segundo Paulo César Boni e Larissa Ayumi Sato em seu artigo “A mídia fotografia como estratégia publicitária da Companhia de Terras Norte do Paraná”,

O jornal era praticamente financiado pela CTNP que, além da publicidade disfarçada em forma de reportagens [...] fazia publicidade explícita na última página. O *Paraná Norte*, apesar de pequeno e de reduzida tiragem, circulava por hotéis, meios de transporte e casas comerciais bancárias de alguns estados, com ênfase no estado de São Paulo que, além de ser o mais próximo do Paraná, era o que reunia mais pessoas com recursos suficientes para comprar um terreno urbano ou um lote rural do empreendimento. (in BONI, 2009, p.261)

A organização editorial do jornal também nos mostra as intenções da publicação. Logo após o fim da notícia, existe uma propaganda da Companhia de Terras Norte do Paraná em que são feitas as apresentações da empresa e logo após esta é colocada como proprietária da Cia. Ferroviária São Paulo – Paraná.

Assim, mal a Companhia de Terras Norte do Paraná, faz habitar e produzir a terra sertaneja do Norte do Paraná, vem a Companhia Ferroviária, facilitar a condução, barateando os fretes e aproximar as jovens povoações dos grandes centros consumidores. As duas companhias resolvem entre si o nosso grande problema brasileiro nestes infundáveis espigões de terra roxa: povoamento e transportes ferroviários, além das excelentes estradas de rodagem que atravessa o município em todos os sentidos. (PN, 28/07/1935. Acervo do Museu Histórico de Londrina)

Os trilhos recém-chegados a Londrina eram mais do que a ligação do Norte do Paraná com o resto do país; eram a segurança dos donos de terras de que venderiam suas produções agrícolas; a facilidade do acesso aos bens de consumo do básico ao supérfluo; a comodidade do ir e vir; e, acima de tudo, eram a representação grandiosa da modernidade que havia chegado aos sertões do norte do Paraná. Assim eles foram apresentados pela CTNP, através de diversas propagandas, como a que foi veiculada pelo jornal Diário de S. Paulo, um dos meios de publicidade utilizados pela Companhia de Terras.

Na propaganda há uma foto de um vagão de trem sendo içado por um cabo de aço que passa sobre o Rio Tibagi, que foi utilizado durante toda a obra para transporte de materiais e trabalhadores. A propaganda é intitulada “Bonito Flagrante”, isto porque se utiliza da imagem do vagão sendo atravessado pelo rio como prova de que o mesmo havia chegado até as terras vendidas pela CTNP. Passava a ideia de que havia chegado à Londrina a garantia no lucro da produção, e chegou graças à CTNP, que não media esforços para garantir ao comprador de suas terras o que fosse preciso para sua prosperidade. Quem comprou as terras da CTNP garantiu “um futuro muito promissor” para si e sua família. Na propaganda a modernidade trazida pela CTNP é sempre a unidade de medida das prosperidades trazidas pela terra a quem dela usufrui.

Através desse discurso, a CTNP conseguiu criar uma aura de modernidade ao Norte do Paraná e à linha férrea. Esta, por sua vez, se consolidou no imaginário londrinense, junto com o costume da

presença do trem cortando a cidade, do barulho da maria-fumaça, da primeira impressão causada pelo prédio da estação ferroviária, dos jargões ferroviários que se tornaram palavreado comum na cidade, entre outras características, algumas vivas até os dias de hoje. Porém, devemos nos atentar para o fato de que atualmente estão sendo esvaziadas de seu significado. Daí a importância da educação patrimonial, e do trabalho de análise historiográfica com os alunos do ensino regular, a nova geração que se desenvolve no norte paranaense. Prevenindo assim a perda do significado desta memória e da representatividade da linha férrea e da edificação marcante que um dia abrigou uma estação ferroviária, e hoje abriga o cuidador da história e da memória londrineses, o Museu Histórico de Londrina. Além disso, permite que seja feita uma reavaliação da história tradicional desenvolvida a respeito da cidade, mostrando a heterogeneidade social e cultural das pessoas que aqui chegaram (muitas das quais através da rede ferroviária), permitindo também uma melhor compreensão de como se construiu o ideal de Londrina enquanto cidade próspera e como isso afetou no desenvolvimento da cidade e toda região do norte do Paraná.

BIBLIOGRAFIA

BONI, P. C., SATO, L. A. A mídia fotografia como estratégia publicitária da Companhia de Terras Norte do Paraná. In: BONI, P. C. (org). *Certidões de Nascimento da História: o surgimento de municípios no eixo Londrina – Maringá*. Londrina: Planográfica, 2009.

BONI, Paulo César. *Fincando Estacas! A História de Londrina (década de 30) em textos e imagens*. Londrina: Ed. Do Autor, 2004.

MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA. Restauro dos Carros Ferroviários de Passageiros. Londrina, 2012.

SCHWARTZ, Widson. Pérolas – claras e obscuras – da história de Londrina. In: BONI, P. C. (org). *Certidões de Nascimento da História: o surgimento de municípios no eixo Londrina – Maringá*. Londrina: Planográfica, 2009.

Fontes

COUTINHO, Humberto Puiggari. A Inauguração de Hoje. *Paraná Norte*, Londrina, p. 1, 28 jul. 1935.

DIARIO DE S. PAULO. *Bonito Flagrante*. P. 2. Sem data. Acervo do Museu Histórico de Londrina.

3.4. OFICINA DE MAPAS ALTERNATIVOS

Juliana Souza Belasqui
Keila Fernandes Batista*

Resumo

Apresentam-se experiências e reflexões relativas às oficinas de mapas alternativos oferecidas pelo projeto Contação de História do Norte do Paraná. Os mapas pensados como fontes históricas revelam representação de espaços no tempo marcados pelo contexto no qual foram produzidos. Na oficina os alunos são convidados a produzir mapas alternativos, tais como mapas de cheiro, olfativo, afetivo, sonoro, turístico, do patrimônio local. Busca-se a sensibilização do olhar do aluno para as experiências humanas no seu entorno e para questões sobre memória e patrimônio e problematiza a ideia de lugares significativos para a comunidade.

Palavras-chave: *Oficina de mapas alternativos; Projeto Contação; Ação educativa em museus; Memória.*

O projeto “Contação de História do Norte do Paraná”, com apoio do Museu Histórico de Londrina, propõe experiências escolares dedicadas a buscar, registrar e refletir sobre documentos para a memória local, dando destaque às lembranças de trabalhadores da região. Para subsidiá-los no levantamento, coleta e tratamento inicial desses documentos, oferece diversas oficinas para professores e alunos orientando a exploração na pesquisa escolar. A oficina de mapas alternativos apresenta o mapa não apenas como representação geopolítica, mas também como uma fonte histórica.

A concepção da oficina apoiou-se nas atividades com plotagens desenvolvidas no projeto (uma planta do centro de Londrina na década de 50 e dois mapas da Companhia de Terras do Norte do Paraná). Propôs-se então a análise de um mapa usado como propaganda e

*- Graduandas em História, bolsistas do Programa Universidade Sem Fronteiras/Iniciação Extensionista da UEL. Projeto: Contação de Histórias do Norte do Paraná; PRODOCÊNCIA–Museu: espaço de identidades (CAPES/Uel); Projeto “A construção da memória e a preservação do patrimônio cultural em Londrina” (PROEXT/MEC/Uel); Museu Histórico de Londrina (UEL). Orientadora: Dra. Regina Célia Alegro, Museu Histórico de Londrina (UEL).

sobre a mudança do centro urbano projetado de Londrina.

A partir desse material e da leitura do livro “Guia do Patrimônio Cultural de Londrina” de Humberto Yamaki, que apresenta uma nova forma de mapeamento de alguns pontos da cidade de Londrina, o mapeamento feito através dos cheiros, é que surgiu a ideia de criar uma oficina de mapas alternativos. Segundo Rosa, Ansanello & Yamaki (2008) “[...] é possível reconhecer as cidades pelo cheiro”. O mapa olfativo trabalha os conceitos de identificação com o local e também a memória que pode ser despertada pelo olfato. Esses mapas registram lugares que trazem lembranças e destacam a subjetividade do aluno.

O arquiteto e urbanista faz um mapeamento de Londrina a partir das primeiras colônias japonesas na região, e também um mapeamento olfativo de algumas ruas da cidade. Yamaki partiu da busca de um elemento de identificação e confeccionou uma forma alternativa de mapeamento que serviu como base para a criação da oficina de mapas alternativos.

A oficina visa sensibilizar o olhar do estudante para os aspectos característicos da localidade e seu reconhecimento, além de possibilitar o contato com a história local. Primeiramente o mapa é apresentado com as funções de localização e orientação e posteriormente é destacada a sua função como uma importante fonte histórica.

O trabalho com fontes documentais em sala de aula favorece o levantamento de questões que envolvam o aluno no tema tratado. A análise de fontes que a oficina realiza, além de buscar questões que envolvam a identificação do aluno com a localidade na qual está inserido, propõe pensar o mapa como uma importante fonte histórica. A análise do mapa como fonte histórica em sala de aula faz com que os alunos percebam a dimensão do trabalho historiográfico, de como um historiador busca informações e produz conhecimento histórico. O mapa como documento histórico apresenta informações que implicam diretamente nas transformações sociais ocorridas, proporcionam a percepção da identidade de quem está produzindo uma nova leitura.

Através do contato com mapas históricos, o aluno pode se identificar com sua localidade e se ver como agente histórico. Antes de iniciar a produção dos próprios mapas, os alunos passam por outra etapa que consiste na apresentação de mapas da CTNP. Esses mapas são usados com o intuito de trazer para os alunos a ideia de mapa como fonte histórica. Com base em um roteiro que traz perguntas

como, por exemplo, quem, na sua opinião, utilizava esse mapa à época? A partir das respostas obtidas é problematizada a feita de mapas e introduzidas alternativas de leitura do entorno.

Os mapas elaborados pelos alunos permitem expressão da sua concepção do espaço e das transformações que nele ocorrem, e revelam a identificação do indivíduo ou da comunidade com um determinado local. Com isso passamos a refletir sobre perspectivas do próprio aluno, estes escolhem as formas e conteúdos para mapeamento. Apresentamos aos participantes da oficina sugestões alternativas, como, por exemplo, o mapa de roteiro histórico. Neste é mostrado aos alunos o roteiro elaborado pelo projeto “Memórias da Rua Sergipe” que traz diferentes olhares sobre a rua; mapa turístico da cidade de Londrina; mapa da paisagem sonora do entorno do estudante ou de um contexto imaginado a partir da descrição de texto ou imagens de época; mapa ambiental no qual o aluno é estimulado a mapear zonas arborizadas, terrenos baldios, locais onde se joga lixo e até mesmo a modificação da natureza em um local que o aluno tenha percebido; mapa da rota de trabalhadores, que consiste no mapeamento do movimento de um determinado grupo de trabalhadores de suas casas para o local de trabalho até migrações sazonais; mapa do patrimônio cultural, no qual o aluno pode registrar os locais, ações e objetos com importância histórica e cultural para a cidade; mapa afetivo mostrando os locais que despertam lembranças e sentimentos pessoais. Este mapa é o mais facilmente produzido pelos alunos. Consiste em mapear um lugar qualquer (casa, rua, bairro, cidade, escola) a partir de ligações afetivas, da memória dos moradores e daquele que o produz. É o mais comum nas salas e é ótimo para explorar a noção de memória entre os participantes. A partir dessas sugestões os alunos, então, são convidados a produzir outras cartas.

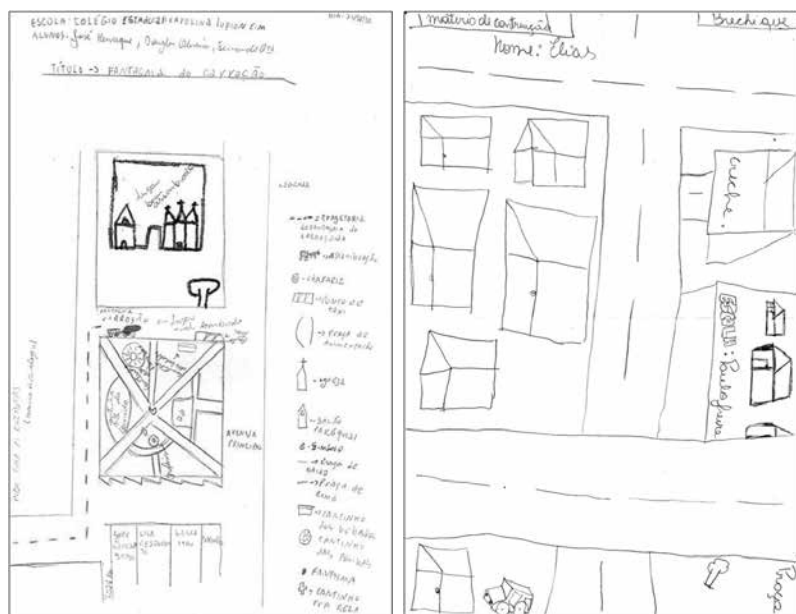
Os mapas produzidos desvendam os interesses e perspectivas do próprio aluno, e revelam elementos de identificação com a localidade. A experiência tem se mostrado muito satisfatória, pois no desenvolver das oficinas é possível tornar conteúdos da História mais visuais através das diversas leituras expostas pelos mapas, introduzir a exploração de fontes em sala de aula, além de trabalhar questões sobre memória, patrimônio e identidade.

Os alunos produzem uma grande variedade de formas alternativas, as idéias vão desde o mapeamento da sua casa até o mapeamento

de brincadeiras. Através das produções percebemos que os mapas são criados, na maioria dos casos, por meio de elementos de afinidade, de identificação. Essa produção é importante, pois promove a aproximação do aluno com a sua região e comunidade, despertando seus sentimentos de identificação e seu interesse e sua própria história.

Os mapas abaixo produzidos por dois estudantes do ensino fundamental foram esboçados através de vários elementos de identificação. O primeiro mapa foi produzido a partir da contação de um *caso* comum da comunidade e revela uma perspectiva dessa comunidade, além de locais importantes mesma.

No segundo desenho o autor registrou um espaço da comunidade com o qual mais se identifica. Os elementos destacados são as casas com destaque para a casa com um carro, esta é a casa da única família na comunidade que possui um carro. A escola também foi destacada, assim como a praça onde os alunos costumam se reunir após as aulas.



Ambos os mapas revelam o cotidiano dos alunos que, ao

produzirem os mapas alternativos, tem maiores condições de se reconhecerem como parte da comunidade e compreender conceitos complexos como memória e patrimônio.

A experiência da produção de mapas alternativos nas escolas tem se mostrado muito satisfatória, pois aqueles elaborados mostram como os conceitos expostos na oficina são apreendidos pelos alunos. E, aparentemente, auxiliam na sensibilização para o reconhecimento do seu local de pertencimento além de indicar as transformações ocorridas num determinado espaço.

BIBLIOGRAFIA

Diretrizes Curriculares da Educação Básica, Paraná, 2008.

MARINHO, Luciana A.; BONATO, Náilda M. da C. Educação & Cidade: o papel da escola na preservação do patrimônio cultural. *XIII Encontro de História da Anpub*, RJ, 2008.

MASSEY, D. Um sentido Global do Lugar. In: Arantes, A. (Org.). *O espaço da diferença*. SP: Papirus, 2000.

MARINHO, Luciana A.; BONATO, Náilda M. da C. Educação & Cidade: o papel da escola na preservação do patrimônio cultural. *XIII Encontro de História da Anpub*, RJ, 2008.

MAGALHÃES, Leandro H. *Educação patrimonial: da teoria a prática* /Leandro H. Magalhães, Elisa Zanon, Patrícia Martins Castelo Branco. Londrina: Ed. UNIFIL, 2009.

MASSEY, D. Um sentido Global do Lugar. In: Arantes, A. (Org.). *O espaço da diferença*. SP: Papirus, 2000.

ROSA, Maria Inês P.; RAMOS, Tácita A. Memórias e odores: experiências curriculares na formação docente. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, vol. 13, n. 39, p. 565-575, 2008.

YAMAKI, Humberto. *Guia do patrimônio histórico cultural de Londrina: nariz ao vento*. Londrina : Midiograf, 2008.

ZANON, Elisa R.; CASTELO BRANCO, Patrícia M.; MORAES, Vanda. *Roteiro Histórico: A Rua Sergipe*. Londrina, 2011.

4. ENTREVISTA

4.1. JAIRO TEIXEIRA DINIZ

O sucesso do empreendimento colonizador na origem de Londrina e o desenvolvimento da cidade e do norte do Paraná não podem ser dissociados da ferrovia.

Em 1928 a Companhia de Terras Norte do Paraná, empresa que implementou a colonização da região, adquiriu o trecho de 30Km de Ourinhos a Cambará da Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná (SPP) com a finalidade de estender esta ferrovia interligando as futuras cidades ao longo da via. Somente em 1935, após a construção da ponte sobre o rio Tibagi, o primeiro trem de passageiros inaugura a Estação Ferroviária de Londrina.

Os trilhos atuavam em dois sentidos: a Oeste, milhares de pessoas, ao longo dos anos 30, 40 e 50, desembarcavam em busca de uma vida melhor, com seus pertences, objetos e materiais diversos. No sentido oposto, a Leste, o escoamento da produção cafeeira em direção ao Porto de Santos, motivo maior da instalação da ferrovia e de toda sua estrutura na cidade.

Com o crescimento da cidade, apenas 10 anos após a construção do primeiro, fez-se necessária a edificação de um novo prédio para a estação ferroviária, inaugurado em julho de 1950.

O trem de passageiros encerrou suas atividades em 1981 (manteve-se apenas o transporte ferroviário de cargas) e o Museu Histórico de Londrina “Pe. Carlos Weiss” passou a ocupar o prédio da antiga estação ferroviária.

Jairo Teixeira Diniz nasceu em Santos-SP, a 03/11/1921, funcionário aposentado da Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná, em Ourinhos, onde trabalhou desde 02 de maio de 1936. Seu chefe era o engenheiro James Lister Adamson e o superintendente da Companhia, Wallace Hepburn Morton. Em 1950, Srº Jairo exercia o cargo de secretário da 9ª Residência de via permanente da Rede Viação Paraná-Santa Catarina, que absorveu a São Paulo-Paraná em 1945, e acompanhava o engenheiro residente, Oscar Dynabowicz, no ato da inauguração do prédio da estação ferroviária de Londrina.



Autor desconhecido-Acervo: Museu Histórico de Londrina

Trechos da Entrevista

CSC: Na sua observação, em 10 viagens quantas eram de carga e quantas eram de passageiros, numa hipótese?

JTD: Em um trem de carga, depende, o trem que vai ser criado, aqui na São Paulo-Paraná organizava o trem Theodoro Cooper que transportava 12 vagões com determinado número de tonelagem.

CSC: Theodore Cooper é o nome da locomotiva?

JTD: É o nome do tipo do trem.

CSC: Tipo do trem.

JTD: 12 vagões.

CSC: A formação dele, 12 vagões mais a locomotiva, é um Theodore Cooper.

JTD: Theodore Cooper, a estrada foi construída exatamente para este tipo de trem.

CSC: Quer dizer o traçado dela o sistema de curvas, a grade, a inclinação de rampa foi pensado nesse perfil de trem.

JTD: Exatamente.

CSC: Quer dizer o perfil do trem é determinante para a construção da ferrovia nesse caso.

JTD: Exatamente.

CSC: Da São Paulo-Paraná e no caso, no momento da construção o trem era a vapor?

JTD: A vapor.

CSC: Existe uma restrição, vamos dizer assim, da tecnologia do vapor, por que tem um consumo grande de água, lenha e areia, em menor escala, e isso é determinante para decidir estações ou postos de abastecimento?

JTD: Eu penso que não, eu acho que era mais conveniente o local.

CSC: O local. Em função do que?

JTD: Em função das proximidades das cidades, rio, para facilitar o abastecimento do trem e da locomotiva, por que essa citação que você fez de água, areia e lenha, muito bem demonstrado neste trenzinho aqui (há uma maquete de locomotiva e tender na frente do Sr. Jairo), o tender por baixo ele era.....

CSC: Uma caixa d'água ambulante.

JTD: Uma caixa d'água ambulante, por cima, a lenha e aqui depósito de areia (incompreensível) aderência da roda.

CSC: A areia era mais usada em períodos de chuva, assim como um carro atola na lama e precisa de uma corrente para tirar ele, a locomotiva, usava a areia para aumentar a aderência?

JTD: Aumentar a aderência. A areia torrada. Tinha que torrar a areia para ficar bem seca e colocar neste local (novamente ele identifica o local na maquete).

CSC: Ela estando bem seca é fácil de aspergir com o ar e dar aderência para as rodas motrizes. A areia só caia nas rodas motrizes

mesmo, nas que se movimentavam (incompreensível), no tempo seco o peso próprio.

JTD: Às vezes uma rampa muito forte, mesmo em tempo seco, era necessário o uso da areia.

CSC: Se a composição fosse pesada, por exemplo, a areia ajudava. Esse Theodore Cooper, ... quando o Sr^o fala vagão, vagão é a carga?

JTD: Sim.

CSC: Mas é possível montá-lo como de passageiros, também?

JTD: Fazendo uma adaptação podia.

CSC: Fazendo uma adaptação.

JTD: Desde que fizesse a interiorização para uso de passageiros.

CSC: Certo. Mas quando, existia trem misto, carga e passageiro na (incompreensível)?

JTD: Existia trem misto, carga e passageiro.

CSC: E como é a composição do trem misto? Os de carga vão perto da locomotiva e passageiro na cauda?

JTD: Os de carga perto da locomotiva e passageiros no fim. A São Paulo-Paraná não usou este tipo de trem.

CSC: Não usou. Ela formava trens distintos, passageiros e carga. Em termos de equipamentos que puxavam esses trens, as locomotivas eram idênticas, eram o mesmo equipamento?

JTD: Não.

CSC: Não.

JTD: Tem vários.... locomotivas Baldwin, Henschel.

CSC: Henschel é alemã. [...]"

DINIZ, Jairo T. *Depoimento*. Londrina-Pr : 2011. Entrevista realizada pelo Arquiteto Christian Stegall Conde. Transcrição, Rosangela R. Haddad. 2 DVDs originais, pertencente ao acervo do Museu Histórico de Londrina. (Memória Ferroviária de Londrina: Recuperação dos Carros Ferroviários da R.V.P.S.C.)

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

*“O voluntariado constrói pontes nas comunidades e entre comunidades: entre os mais ricos e os mais pobres, entre os mais velhos e os mais jovens, entre governantes e governados, entre público e privado”.**

O Museu Histórico de Londrina, desde sua fundação, quando ainda estava sediado nos porões do Grupo Escolar Hugo Simas, pertence à Universidade Estadual de Londrina que provê os recursos necessários para sua manutenção, contrata seus funcionários, escolhe seus diretores, define seus caminhos. O Museu é, portanto, uma instituição pública.

Por outro lado, o arcabouço de suas instalações, hoje sediadas no prédio da antiga Estação Ferroviária, bem como seu pessoal altamente qualificado, que tem transformado o Museu em um centro de pesquisa histórica, têm a missão primordial de preservar a História de Londrina. E, quando nos referimos à História de Londrina, não estamos falando apenas dos pioneiros, mas falamos também da história que cada um de nós, londrinenses por nascimento ou por adoção, escrevemos cotidianamente. Falamos, portanto, de nossa história. Por esse motivo sentimos que o Museu, que pertence a UEL também é nosso. Nesse sentido, pode-se dizer que o Museu é uma instituição privada.

Os voluntários da Associação dos Amigos do Museu Histórico de Londrina – ASAM consideram ser seu dever construir a ponte a que se referia Kofi Annan, que deve unir o Museu Público ao Museu Privado, e o faz trabalhando em parceria com a Universidade, auxiliando-a, dentro de suas possibilidades, no enfrentamento das eventuais demandas do Museu.

Foi assim que UEL e ASAM deram-se as mãos quando da implementação do grande projeto de revitalização do Museu, que o transformou em modelo representativo dos princípios da moderna Museologia.

Maria Lopes Kireeff

Pres. da ASAM

Associação dos Amigos do Museu

*- Kofi Annan, ex Secretário Geral da ONU.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO DO ARTIGO

O artigo deverá apresentar as seguintes normas:

- 1.** Inédito;
 - Título;
 - Autor(es) com identificação da instituição a que pertence em nota de rodapé;
 - Resumo – máximo 150 palavras;
 - Palavras-chave - até 6 palavras;
 - Texto não deve ultrapassar 5 laudas (word for windows e fonte Times New Roman, tamanho 12, entre-linhas 1,5 e margem 3,0 cm);
 - Referências bibliográficas seguindo normas da ABNT (contendo somente obras citadas no texto);
 - Deverão ser apresentados em cd e encaminhar 2 cópias impressas fiéis ao suporte eletrônico.

- 2.** Encaminhar carta a direção do Museu autorizando sua publicação.

- 3.** Caso o artigo seja resultado de pesquisa financiada, esta deverá ser mencionada em nota de rodapé.

- 4.** Nome completo do autor(es) e constar nas referências.

- 5.** As fotografias, imagens (quando houver) deverão vir em preto e branco, formato digital jpeg, no mínimo, 300 dpi de resolução, tamanho 10x15 cm, com legendas e com indicação do local a ser inserido no texto e gravadas em cd. As fontes deverão ser devidamente mencionadas e autorizadas, respeitando a legislação em vigor.

- 6.** Contato:
 - Fone: (43) 3323-0082 / bibmuseu@uel.br

EQUIPE TÉCNICA DO MUSEU HISTÓRICO DE LONDRINA

Direção

Profª Drª Angelita Marques Visalli

Secretaria

Secretário Executivo: Cesar Augusto de Poli

Técnico Administrativo:

Amilton Batista Cardoso

Projeto Aprendiz:

Luis Fernando Bueno dos Santos

Vanessa Ribeiro da Silva

Equipe de Apoio

Auxiliares Operacionais:

Ailton Alves Marcelino

Alex Pereira

Divya Barbosa da Silva

Neiva Lemes Albrecht Batista

Assessor Especial

Arquiteto e Design: Christian Steagall-Condé

Setor de Ação Educativa

Profª Drª Regina Célia Alegro

Setor de Biblioteca e Documentação

Bibliotecárias:

Rosângela Ricieri Haddad

Ruth Hiromi Shigaki Ueda

Setor de Comunicação Social

Jornalista e Assessora de Imprensa: Barbara Daher Belinati

Setor de Imagem e Som

Técnicas em Assuntos Universitários:

Aurea Keiko Yamane

Célia Rodrigues de Oliveira

Técnico em Multimídia: Rui Cabral

Setor de Museologia

Museóloga: Gina Esther Issberner

Técnico em Museologia: Ninger Ovidio Marena

Apoio Técnico: Amauri Ramos da Silva

Estagiários

Amanda Cristina Martins do Nascimento

Amanda Camargo Rocha

Ana Luisa Coradi

Aryane Kovacs Fernandes

Gisele da Silva Oliveira

Jackeline Bergamo Xavier

Juliana Souza Belasqui

Priscila Rosalem P. de Almeida

Taiane Vanessa da Silva

Tamiris Helena Doratiotto Baldo

Vagner Henrique Ferraz

Vanessa Caroline Mauro

Museu Histórico de Londrina
Rua Benjamin Constant, nº 900 - Centro - Londrina-Pr - CEP: 86010-350
(43) 3323-0082 - museu@uel.br

Exposição: UEL 40 anos
Painel UEL mostra sua cara



REALIZAÇÃO

MUSEU HISTÓRICO
DE LONDRINA
TEL. (043) 3351-1000

PATROCÍNIO

Projetos:
Construção da memória e a preservação do patrimônio;
Contação de histórias do norte do Paraná;
PRODOCÊNCIA-UEL.

O Museu Vai à Escola-USP/SETI/UEL

PROMOÇÃO



Universidade
Estadual de Londrina